

JARDINS DE CASAS DE CAMPO

JARDINS DE CASAS DE CAMPO

paisagismo & JARDINAGEM ESPECIAL



WWW.CASADOIS.COM.BR
PAISAGISMO & JARDINAGEM ESPECIAL
ISSN 1676-613X
Nº 26
R\$ 9,90
€ 2,80
9 771676 613009

CONFIRA OS CONCEITOS DE PROJETOS PAISAGÍSTICOS MARAVILHOSOS

CONHEÇA AS PLANTAS MAIS INDICADAS PARA O CLIMA CAMPESTRE





Em busca da harmonia

A proposta foi criar um jardim que complementasse a força da arquitetura

Texto Simone Kikuchi Edição Fernanda Oliveira Fotos Evelyn Müller





A arquitetura marcante e a forte presença de mata nativa foram os principais aspectos que influenciaram o projeto paisagístico de Raul Pereira, arquiteto paisagista, de São Paulo, SP, para essa casa de campo, em Itu, interior paulista.

Ele conta que foi realizada a integração entre os projetos arquitetônico, assinado por Henrique Reinach e Maurício Mendonça, do escritório Reinach & Mendonça Arquitetos Associados, e paisagístico, que foram feitos simultaneamente. “Como trabalho há tempos com Reinach e Mendonça, temos uma afinidade muito grande de linguagens.”

Segundo Pereira, a arquitetura influenciou de maneira decisiva na concepção da área verde. “Ela tem uma força expressiva e seu percurso é bastante interessante, pois revela aos poucos muitas surpresas. Por exemplo, da rua quase não se vê a casa. A entrada se dá por uma rampa relativamente estreita, como uma trilha no meio da mata, e, de repente, vê-se uma imensa parede curva da residência. Em seguida, entra-se por uma abertura na parede, que é o acesso principal”, revela.

O profissional ainda ressalta que, para compor a trilha, foram utilizados pedregulhos certificados de rio que mantêm a permeabilidade do solo do terreno. “Logo que se chega na casa, uma surpresa e um belo cenário se descortina, com muita iluminação natural e transparência para a paisagem da mata e da piscina. Toda a vista da residência foi pensada em função dessa paisagem”, explica. ▶





REFORÇANDO A ARQUITETURA

Existem três zoneamentos principais bem definidos no projeto paisagístico. O primeiro é o pátio de entrada do estacionamento, onde de um lado está a grande parede de curva e do outro a mata. O segundo são as áreas da piscina, da churrasqueira, das salas e das varandas. O terceiro compreende o cinturão de mata que circunda toda a propriedade, com algumas trilhas de passeio.

O grande desafio, segundo o profissional, foi compatibilizar a escala monumental do imóvel com a proximidade da vegetação ao redor, de tal maneira que se estabelecesse uma transição entre os diferentes volumes de plantas, sem dar a impressão de que a casa, apesar de sua linguagem contemporânea, se configurasse como um corpo estranho à paisagem fortemente natural.

Buscando contornar o que poderia ser um problema, para “reduzir” a escala do pé-direito da entrada, ele implantou exemplares de pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*) ainda maiores que a parede e, junto a ela, destinou abélia (*Abelia x grandiflora*), arbusto que preenche o local com o volume de sua folhagem e, do Verão até o Inverno, chama atenção com sua intensa floração. “Com isso, consegui um efeito mais atenuante da parede curva, contudo, sem retirar o domínio da grande superfície de traçado diferenciado”, conta.

“Um momento decisivo e difícil de um projeto é saber quais elementos se deve reforçar na arquitetura, de maneira a manter a intenção básica que o arquiteto quis transmitir. O primeiro impulso para nós, paisagistas, é a armadilha de querer encher todos os espaços com plantas e, com isso, podemos correr o risco de perder a ‘musicalidade’ dos ‘cheios’ e ‘vazios’ que enriquecem o projeto.” E acrescenta: “Temos de saber quando parar e creio que isso ocorre em todas as atividades que envolvem arte e processo de criação. João Cabral de Melo Neto dizia que escrever bem é eliminar as idéias intermediárias. Sempre temos dificuldade de cortar o que não é necessário e isso pode nos conduzir ao excesso e, assim, acabamos não reforçando o que mais nos interessa.”

Ele ainda fala sobre todo o trabalho que teve para integrar o paisagismo à mata nativa exuberante que já existia na propriedade. “Como tive de introduzir espécies no meio da mata, defini em linhas gerais uma listagem de árvores e arbustos e fui demarcando, juntamente com o agrônomo e o jardineiro, uma a uma,





tentando prever como as copas das árvores se desenvolveriam futuramente e condicionariam a iluminação natural.” O profissional também diz que, como a beira da mata é uma área de transição de luz e sombra, uma das famílias de arbustos e forrageiras que se presta a esse fim e que utilizou bastante foi a Acanthaceae, que possui uma grande variedade resistente tanto a pleno sol como à meia-sombra.

Pereira garante ter gostado do resultado. “Foi muito gratificante e desafiante fazê-lo. Os clientes me deram total liberdade para trabalhar. Acompanhei toda a execução do jardim desde o movimento de terra até a implantação final. Pela sua própria natureza é um projeto cuja execução é muito artesanal”, finaliza. ■

“Os clientes me deram total liberdade para trabalhar. Pela sua própria natureza é um projeto cuja execução é muito artesanal”

